

*Mário Freitas**

Saúde (do) Pública(o) (94)

«Nunca vi um coveiro chegar a velho»

Hoje percorro os capítulos XIII a XVII, que são os de pior odor do livro e, exactamente por isso, os mais reveladores: os limpadores de fossas, os pisoeiros, os azeiteiros, os curtidores, os queijeiros, os fabricantes de velas de sebo, os trabalhadores do tabaco e os coveiros. São os ofícios que ninguém quer fazer.

Ramazzini explica quem sempre os fez, descreve um acidente que ainda hoje mata trabalhadores portugueses exactamente da mesma forma, e deixa escapar, a propósito do tabaco, a frase mais cínica e mais lúcida de todo o Tratado.

O capítulo onde o livro nasceu

Escrevi na primeira crónica que o Tratado nasceu de uma fossa. Importa agora dizer como Ramazzini abre esse capítulo, porque é uma pequena obra-prima de sociologia da profissão médica.

Começa por duvidar de que possa convidar para ali os colegas «*que se ocupam de elegância e de asseio, frequentam as boticas que geralmente rescendem a cinamomo e têm seu foro próprio*» — e responde-se a si mesmo com Hipócrates: «*necessita o médico inspeccionar coisas ingratas e tocar coisas desagradáveis*».

Conta depois o episódio do homem que trabalhava na fossa da sua casa e que lhe disse que mais de 4 horas ali dentro o deixariam cego; examinou-lhe os olhos inflamados, perguntou-lhe pelos sintomas que faltavam e, mais tarde, foi encontrar aqueles homens «*quase cegos ou cegos completamente, mendigando pela cidade*».

E deixa, de passagem, o dado histórico que organiza todo este bloco: em Roma era costume destinar à limpeza dos balneários e das cloacas os condenados a penas superiores a 10 anos. **O trabalho mais perigoso era, literalmente, um castigo.**

Os pisoeiros, a urina e a defesa da roupa lavada

O capítulo seguinte é dedicado aos pisoeiros, que limpavam e branqueavam a lã e os tecidos.

Ramazzini descreve a técnica com minúcia: usavam urina humana, guardada em barris até apodrecer, misturada com água morna e sabão de Veneza, e pisavam os panos com os pés descalços. Conta que, ao entrar numa daquelas oficinas, sentiu um odor que lhe feria as narinas e — fiel ao método — **perguntou qual era a causa**; mostraram-lhe o tonel onde todos, «*conforme lei do seu ofício*», tinham de urinar.

A partir daí o capítulo transforma-se numa defesa da higiene que vale a pena ler hoje.

Ramazzini recomenda a estes trabalhadores que lavem o corpo, que esfreguem a pele, que aproveitem os dias feriados para tomar banho em casa e que saiam à rua limpamente vestidos, acrescentando: «*É de admirar quanto se alegra o espírito com o asseio e a brancura da roupa.*» E ataca frontalmente os médicos do seu tempo que proibiam os doentes acamados de mudar de camisa e de lençóis, para não os «debilitar». Cita Valésio: «*Pecam os médicos vulgares não permitindo a seus pacientes trocar de túnica, nem ventilar o leito, nem lavar as mãos e o rosto (…) como se servisse aos enfermos estarem envolvidos na sujeira.*»

É higiene hospitalar, defendida contra a corrente, um século e meio antes de Semmelweis.

Os ofícios imundos e a primeira ideia de zonamento

O capítulo XV reúne azeiteiros, curtidores, fabricantes de cordas musicais, salgadores de pescado, queijeiros e fabricantes de velas de sebo.

Ramazzini não se poupa: «*Confesso ter sentido o estômago revolto todas as vezes que entrei nas ditas oficinas e não consegui tolerar longo tempo tão mau odor sem ter dores de cabeça e vómitos.*» E regista, com aprovação, que as leis exigiam que estes ofícios não fossem exercidos dentro de casa, mas nos subúrbios e em zonas desabitadas — o que é, em substância, **parque industrial por motivo de saúde pública**.

Dos curtidores, que maceravam peles em cal e as pisavam com os pés, diz que ficavam de rosto cadavérico, inchados, amarelados, ofegantes e doentes do baço, e deixa uma observação que vale mil medições: nem à força se conseguia fazer passar um cavalo diante daqueles curtumes — o animal desobedecia às rédeas e fugia para casa.

Recorda ainda que Hipócrates, ao descrever a morte de Filisco, teve o cuidado de anotar que ele «*habitava perto do muro*» — precisamente onde estavam os depósitos de imundícies e de cadáveres de animais. **A morada como determinante de saúde, num caso clínico do século V antes de Cristo**.

E das oficinas de velas de sebo, que considera as piores de todas, conta o caso, colhido nas Actas de Copenhaga, de uma mulher que fazia velas para vender e que ficou asmática; o médico tratou-a, ela melhorou e recaiu, acabou por odiar o seu ofício — e passou a **avisar os outros trabalhadores da mesma profissão de que, se quisessem proteger o peito, trabalhassem ao ar livre**. O primeiro conselho de prevenção que aparece neste livro saído da boca de uma trabalhadora, e não de um médico.

O tabaco, e a frase mais cínica do tratado

O capítulo XVI é dedicado a quem preparava o tabaco.

Chegavam fardos de folhas pelo porto de Livorno; os operários abriam-nos, desenrolavam-nos e moíam-nos numa mó accionada por cavalos de olhos vendados. Ramazzini descreve nos trabalhadores enxaquecas, vertigens, náuseas e espirros constantes, e diz que a vizinhança se queixava do cheiro.

Repare-se no pormenor que um médico do trabalho de hoje sublinharia a vermelho: **os próprios cavalos**, escreve ele, «*por sua maneira de sacudir a cabeça, tossir e ofegar, denunciam a molesta e acre emanação*». É um evento-sentinela em animais.

Conta depois o caso de uma jovem que trabalhava todos os dias inclinada sobre o tabaco a desenrolar fardos, com vómitos e diarreia, e que lhe descreveu hemorragias ao sentar-se sobre os rolos.

E então, no momento de propor medidas, deixa escapar a frase que vale esta crónica. Diz ele que, quando não se consegue suprimir a causa do dano — e aqui vem — «*o agradável aroma do lucro torna menos sensível e maléfico o do tabaco*».

O cheiro do lucro tapa o cheiro do veneno.

Ramazzini sabia perfeitamente de que falava: reconhece, no mesmo capítulo, que o tabaco «*constitui uma importante fonte de renda*» naquele domínio. Um médico ao serviço de um duque, a escrever por escrito que a receita fiscal anestesia o juízo sobre o risco. Em 1700.

Piston, o coveiro — um acidente que ainda hoje mata

E chego ao capítulo XVII, que é o que mais me impressionou de todo o livro, por razões estritamente técnicas. Ramazzini descreve os coveiros que desciam aos sepulcros comuns, cheios de cadáveres semiputrefactos, para ali depositarem novos mortos, e escreve a frase que dá título a esta crónica: «*não vi um coveiro chegar à velhice*».

Depois conta o caso. Um coveiro conhecido, chamado Piston, tinha enterrado um jovem ricamente vestido e com sapatos novos. Lembrou-se ao meio-dia de que a entrada do templo estava aberta, foi ao túmulo, retirou a lápide e desceu lá dentro. Mal acabara de descalçar o morto, caiu sobre ele e expirou imediatamente.

Ramazzini, que era um homem do seu tempo, lê o caso como castigo pela violação de sepultura. Nós lemos outra coisa, e lemo-la com um arrepio: **é a descrição clássica de uma morte súbita por atmosfera perigosa em espaço confinado**. Um local fechado, não ventilado, com matéria orgânica em decomposição — portanto com oxigénio consumido e sulfureto de hidrogénio acumulado —, aberto e imediatamente penetrado por uma pessoa. A vítima não tem tempo de pedir socorro: cai. E repare-se na medida que Ramazzini propõe, duas páginas adiante, para proteger estes trabalhadores: «*deixar uma abertura no túmulo para que a atmosfera fechada pouco a pouco se desvaneça*». Ventilação prévia do espaço confinado antes da entrada. Aconselha-lhes ainda que, terminado o trabalho e de volta a casa, **mudem de roupa** — descontaminação à saída. Três séculos depois, continuamos a enterrar trabalhadores por não se fazer exactamente aquilo que ali está escrito.

E em Portugal, hoje..?

A morte de Piston não é folclore do século XVII: é uma das mortes mais previsíveis e mais repetidas que existem em segurança do trabalho. Fossas sépticas, poços, silos, cisternas, tanques, celeiros, porões, reservatórios, câmaras de esgoto — continuam a matar, em Portugal e em toda a Europa, e matam com uma assinatura inconfundível: **o segundo morto**. Alguém desce, cai e não responde; um colega desce para o salvar e cai também.

É o acidente que um procedimento escrito, um detector de gás e uma autorização de entrada evitariam. E não é por falta de lei: há regras, há equipamento, há formação possível. O que falta é alguém com competência técnica a avaliar o posto **antes**, e esse alguém, em 3 em cada 10 trabalhadores portugueses, simplesmente não existe — porque não há serviço de saúde do trabalho.

Quanto ao resto do bloco, a leitura é igualmente desconfortável. Os ofícios de que Ramazzini falou não desapareceram: mudaram de nome e de bairro. Chamam-se hoje recolha e triagem de resíduos, saneamento, matadouro, transformação de pescado, limpeza industrial. Continuam a ser feitos pelos trabalhadores com menor poder de recusa — e já não por sentença, como em Roma, mas por preço.

Foi disso que falei no encerramento do I Congresso Nacional da especialidade, no mês passado: a nossa lei confere ao médico do trabalho independência técnica, mas o sistema paga-lhe através de quem está a ser avaliado. Ramazzini sabia o nome deste problema e escreveu-o: o aroma do lucro torna menos sensível o cheiro do veneno. Vale para quem fabrica. Vale, a dobrar, para quem fiscaliza.

Próxima semana

Deixo uma nota final que me diverte e me envergonha ao mesmo tempo.

A propósito dos coveiros, Ramazzini escreve que é justo zelar pela saúde deles porque sepultam na terra os corpos dos mortos «*junto com os erros dos médicos*». É um homem que, em pleno elogio da sua profissão, não resiste a lembrar-lhe o cemitério. Na próxima semana mudamos de registo: capítulos XVIII a XXIII, onde Ramazzini trata das parteiras, das amas de leite, dos vinhateiros, dos padeiros, dos moleiros e dos peneiradores de cereais. É o bloco do trabalho das mulheres e dos pós da alimentação — e contém a primeira descrição, na literatura médica, daquilo a que hoje chamamos asma do padeiro.

**Médico consultor e Coordenador Regional de Saúde Pública da Região Autónoma dos Açores. É o Presidente do Júri Nacional da especialidade de Medicina do Trabalho da Ordem dos Médicos e Presidente da Direcção da ANaMeT. Escreve neste espaço, a título pessoal, sobre temas de Saúde Pública*